

## Debates sôbre a importância da sucata na indústria siderúrgica

O SR. PRESIDENTE DO C.M.R. — Tenho o prazer de convidar para orientador dos debates, o Professor Amaro Lanari Junior. A exposição do assunto estará a cargo do Professor Dr. Alberto Pereira de Castro.

ENG. AMARO LANARI JR.: Depois de ouvirmos a brilhante exposição do Dr. Alberto Pereira de Castro, vamos passar aos debates.

O DR. HENRIQUE ANAWATE: O senhor tem alguma notícia sôbre a quantidade de sucata que as nossas estradas de ferro têm fornecido às indústrias nêsse período de após-guerra ?

O DR. ALBERTO PEREIRA DE CASTRO: E' difícil até fazer-se uma avaliação.

O DR. HENRIQUE ANAWATE: Então, quais são as reformas ferroviárias ?

O DR. ALBERTO PEREIRA DE CASTRO: E' quasi constante o fluxo das estradas de ferro e êsse é um fator importante no mercado.

ENG. AMARO LANARI JR.: Seria interessante conhecermos aproximadamente o consumo de Volta Redonda,

para podermos fazer uma análise da situação estatística, com dados aproximados. Talvez pudéssemos ter alguma idéia.

O CEL. OSWALDO PINTO DA VEIGA: Com referência à situação de Volta Redonda, não se pode precisar qual seja o consumo da sucata de mercado porque isso tudo depende de vários fatores, muitos deles imprevisíveis. Mas, a tendência de Volta Redonda seria um consumo de sucata numa escala muito pequena, por isso acredito que de qualquer forma ela não devesse apertar sobremodo a situação do Estado de São Paulo. A situação da sucata de usina, de Volta Redonda, talvez seja aproximadamente suficiente para poder trabalhar em Volta Redonda, tanto é que, embora Volta Redonda tenha interferido no mercado criando êsse clima que o Dr. Alberto Pereira de Castro acabou de citar, só podemos justificar esse fato em vista da pouca tonelagem por nós solicitada, à falta do órgão centralizador da sucata no Brasil, que pudesse suprir a todas as usinas que necessitassem na ocasião oportuna. Volta Redonda, a não ser em situações excepcionais, não pensará na concorrência com o mercado de São Paulo.

ENG. AMARO LANARI JR.: Eu perguntaria ainda ao Coronel, abusando da bôa vontade, si ele tem uma noção, ou si nos pode dar uma noção do que Volta Redonda tem consumido de sucata adquirida no mercado.

O CEL. OSWALDO PINTO DA VEIGA: Eu acredito que seja numa base de 10% mais ou menos.

ENG. AMARO LANARI JR.: 10% da sucata do mercado ou 10% da produção de aço da usina ?

O CEL. OSWALDO PINTO DA VEIGA: 10% da situação do mercado.

UM APARTEANTE — Eu tenho a impressão de que Volta Redonda não influirá no mercado de sucata, porque haverá compensação. O aço produzido vai ser trabalhado e 10% desse material retornará como sucata.

Com a nossa própria sucata e mais 10% desse aço que vai ser produzido por nós será possível satisfazer as necessidades de Volta Redonda.

O crescimento de produção, por si só, será suficiente para as suas necessidades. Temos usado uma quantidade menor de sucata do que os Estados Unidos, e esse problema será evidentemente um problema do custo das sucatas. Poderemos aumentar a porcentagem de sucata, aumentando os fornos de aço, e isso dependerá do preço da sucata.

Precisamos entre nós, mais ou menos, de 35% do aço das sucatas, e a sucata da usina de retorno, que nos Estados Unidos figura como 25%, no nosso caso está na ordem de 28 ou 29%, com tendência para 25%, e isso depende do tipo do produto, si a laminação vai mais adiante.

O CEL. OSWALDO PINTO DA VEIGA: Sr. Presidente, eu queria fazer uma retificação com referência aos 10% de consumo dos anos anteriores: é uma base de 5% no máximo, e não 10% como havia dito.

ENG. CASEMIRO TOEPFER \* — As possibilidades de importação de sucata parecem ser presentemente muito restritas. Quando começamos a pensar na possibilidade de importação, a sucata dos Estados Unidos fôra oferecida na base de 34 (trinta e quatro) dólares por tonelada, C.I.F. Santos equivalendo aproximadamente a 680 (seiscentos e oitenta) cruzeiros. Considerando-se, ainda, direitos, despesas portuárias e frete até São Paulo, ter-se-ia, o total de cêrca de Cr\$ 1.280,00 (mil, duzentos e oitenta cruzeiros) por tonelada, posta Usina em São Paulo.

Nessa época, Setembro de 1949, eram os seguintes os preços da sucata, por quilo, na praça de São Paulo:

Cavaco .. .. .	0,45 a 0,55
Pacotes desestanhados .. .. .	0,65 a 0,70
Sucata mista .. .. .	0,80 a 0,85
Sucata pesada .. .. .	0,90 a 0,95

\* Companhia Brasileira de Material Ferroviário.

Infelizmente, não encontramos naquela ocasião suficiente apoio à nossa idéia de isenção de direitos para importação desse material.

No atual momento, ainda que fosse possível obtermos a sucata dos Estados Unidos, o preço da tonelada, C.I.F. Santos seria de Cr\$ 1.055,00 (um mil e cinquenta e cinco cruzeiros). Assim, mesmo que fosse conseguida a isenção de direitos, uma vez acrescidas àquele preço as taxas fiscais devidas, a sucata sairia a Cr\$ 1.250,00 (um mil, duzentos e cinquenta cruzeiros) a tonelada, posta Usina em São Paulo.

Segundo as últimas notícias publicadas a respeito nas revistas norte-americanas, também os Estados Unidos estão agora importando sucata, tendo conseguido no ano passado, na Alemanha, o fornecimento de apenas 400.000 (quatrocentas mil) toneladas, total êste muito inferior à previsão feita.

Também as possibilidades de importação de sucata de outros países da Europa e do Próximo Oriente, donde tivemos boas propostas, são muito poucas.

Resta, portanto, a sugestão do Dr. Alberto Pereira de Castro, relativa à exploração das possibilidades proporcionadas pelos vizinhos países americanos.

Desejo aqui acrescentar que a maior possibilidade potencial é oferecida pela Argentina, porém a política seguida por aquele país não permite a saída de sucata alguma, mesmo em troca de mercadorias que necessita. Já fizemos nesse sentido algumas tentativas, porém, sem nenhum êxito.

Embora o Dr. Alberto Pereira de Castro não tenha dado a respeito números exatos, é exata sua conclusão de que a procura de sucata é maior do que a oferta, porém a diferença entre ambas não é muito acentuada, exceto nos casos, como o mesmo ressaltou, em que Volta Redonda entra no mercado.

Desejo agora, apontar os motivos pelos quais os preços ainda se mantêm em bases razoáveis:

Em primeiro lugar, deve-se êste resultado à atitude do Grupo Jafet que, com firmeza, não está subindo o preço pago pela sucata, ainda que arrostando as desvantagens, bem conhecidas, decorrentes do emprêgo de sucata de qualidade inferior.

As diferenças de preços são grandes, uma vez que as cotações atuais da sucata são as seguintes:

Cavacos . . . . .	0,60 a 0,70
Pacotes desestanhados . . . . .	0,90 a 1,00
Sucata mista . . . . .	1,00 a 1,20
Sucata pesada . . . . .	1,20 a 1,30

Por sucata especial talvez alguns industriais paguem preço ainda maior.

O Grupo Jafet, desde as primeiras conversas que mantivemos sôbre as possibilidades de um entendimento entre as usinas metalúrgicas, deixou claro que não paga preço superior a Cr\$ 1,00. Todas as fábricas compreendem pois, claramente, que, se o maior consumidor está mantendo o preço de Cr\$ 1,00, ele leva, também, as desvantagens da utilização de sucata de qualidade inferior.

O segundo elemento que permitiu ficasse o preço dentro de limites razoáveis, foram as antigas reservas que as usinas tinham, estando, porém, essas reservas atualmente quase esgotadas ou, pelo menos, muito diminuídas.

Depois, vem o aproveitamento do guza em substituição da sucata. Algumas fábricas aumentaram o consumo de gusa aproveitando antigos compromissos de venda que algumas siderúrgicas ainda cumpriram. Neste ponto, apraz-me salientar a louvável atitude da Companhia de Aços Especiais Itabira que, não obstante tenha o preço do guza atingido Cr\$ 1,80 a Cr\$ 2,00 o quilo, posto Usina, continua executando antigos contratos pelos preços de Cr\$ 1,00 a Cr\$ 1,10.

Quanto aos meios que o Dr. Alberto Pereira de Castro sugere com referência à exploração de outras fontes, especialmente do norte do país há possibilidades de se conseguir

fornecimento de sucata nas praças de Belem, São Luiz, Fortaleza, Natal, João Pessoa, Recife, Maceió, Aracajú e Salvador.

A Cobrasma está organizando a exploração desse material em Recife, com resultados bem satisfatórios. Entretanto, igual iniciativa, tomada em Belem do Pará, deu resultados pouco animadores, pois, não obstante tenha aquela Companhia fechado vários negócios, não conseguiu fossem os mesmos executados.

Deve-se notar que não houve má vontade da parte dos negociantes tendo, porém, as seguintes causas determinado aquele insucesso:

- a) — Disporem os negociantes de sucata de limitados recursos financeiros, não podendo, assim, acarretar com as despêsas decorrentes dos negócios entabulados, até a final execução dos mesmos;
- b) — Dificuldades locais de transporte rodoviário;
- c) — Dificuldades de transporte marítimo.

Um bom exemplo dessa situação é oferecido pela sucata existente nas terras do Guaporé. Esse estoque de sucata é avaliado em mais de 10.000 (dez mil) toneladas, que não podem ser aproveitadas, em virtude das dificuldades de financiamento e transporte.

Em conclusão: surgiu a idéia de se organizar o mercado da sucata, idéia que me parece vantajosa, não obstante a opinião em contrario emitida pelo Dr. Alberto Pereira de Castro.

Não creio que os negociantes de sucata se oponham a essa iniciativa, porquanto, dentro dessa modalidade de negócio, terão eles as mesmas oportunidades que atualmente.

Acredito que, organizando-se o mercado de sucata na base de entendimentos entre usinas, se poderá melhorar a situação do mercado, reservando-se, naturalmente, a necessária margem de lucro para os negociantes que continuarem trabalhando no ramo.

E como toda novidade encontra oposição, eu desejaria sugerir, como passo inicial, a organização de compra no norte

ão país, em cooperação com a Mineração Geral do Brasil que, na qualidade do maior consumidor, dispõe de navios e organização bancária.

Parece que, dêsse modo, seriam facilitados o financiamento de compra e o transporte do material, após o que seria tentado o entendimento entre as usinas no sentido da organização de compra e distribuição da sucata.

ENG. AMARO LANARI JR. : Eu agradeço ao Engenheiro Casemiro Toepfer, da Cobrasma, os esclarecimentos que nos deu.

Sôbre a questão da existência da sucata no Brasil, talvez o Dr. Roberto Jafet possa falar alguma cousa, porque segundo estou informado, a Federação e a Confederação das Indústrias ficaram de fazer um levantamento nacional da sucata, e o Dr. Roberto Jafet está melhor ao par do assunto.

O DR. ROBERTO JAFET: Com todo prazer darei os informes que são do meu conhecimento, e ao mesmo tempo queria aproveitar a oportunidade de felicitar o Dr. Alberto Pereira de Castro pela maneira concisa com que encarou o problema, principalmente da conclusão a que chegou, de que o gusa produzido, dificilmente poderia ser interpretado como concorrente diréto da sucata.

O nosso problema de sucata atualmente foi muito bem abordado pelo Dr. Alberto Pereira de Castro, quando se referiu, dizendo que estamos utilizando de reservas que existem, porquanto está quase provado que a nossa produção atual de sucata é inferior ao consumo existente.

Dessa maneira, se impõe equilibrar novamente essa situação; ou essa situação será equilibrada com um maior emprego de ferro guza, ou pela importação de sucata. Ainda temos margem, tanto nos fornos elétricos como nos fornos Siemens, de aumentarmos a porcentagem de guza nas nossas fábricas.

Entretanto, afigura-se à primeira vista que o aumento da produção de gusa ainda é mais difícil do que um imediatismo,

recorrendo-se à sucata. E' mais difícil devido aos problemas que são do conhecimento de todos os presentes, no que concerne tanto ao transporte como ao consumo.

Ocorreu no ano passado um certo desequilíbrio na produção de gusa, devido a certos negócios efetuados no estrangeiro, em que se permitiu a exportação de certas toneladas que apunhalaram o mercado de sucata em São Paulo e mesmo o mercado de ferro do Brasil. Infelizmente isto aconteceu, e o remédio é não deixar exportar gusa enquanto houver falta dêle na praça.

Quanto à sucata, as sugestões do Dr. Alberto Pereira de Castro, é que se deve racionalizar a industrialização da sucata na área de São Paulo; tentar aumentar a drenagem da sucata no norte e sul do país e aumentar a sucata de desmonte de navio em Santos, porque o que ocorre hoje é um paradoxo: os navios são desmontados no Rio e a sucata consumida em São Paulo.

Eu queria esclarecer que dois destes itens já estão em vias de solução, ou melhor estão sendo solucionados. O estaleiro de uma das companhias subsidiárias da Mineração Geral do Brasil, a Empresa de Transportes Limitada, está sendo devidamente aparelhado para poder desmantelar aproximadamente, de 200 a 300 toneladas diárias, como primeira fase. Está se tentando um sistema que nos afigura que deverá dar bons resultados. Dessa forma creio que uma das sugestões do Dr. Alberto Pereira de Castro seria um tanto atendida.

Na parte de transporte marítimo, tenho o prazer de informar que os primeiros quatro navios brasileiros, dotados de eletro-imãs apropriados em todos os porões, da maneira a fazer a carga e a descarga o mais rápido possível, os dois primeiros já chegaram ao Brasil na semana passada e os outros dois chegarão dentro de poucos dias.

As soluções que à primeira vista resolveriam o problema imediato, estão sendo providenciadas. Entretanto, estas soluções não resolverão de vez o problema de abastecimento, porque



temos quasi a certeza de que a capacidade de produção de sucata do País é baixa. Devemos encarar o problema de frente, fazendo o equilibrio ou com gusa ou com sucata importada; esta última possibilidade apresenta vários aspectos favoráveis. Um deles é que a Sucata é uma matéria prima a qual como disse o Dr. Alberto Pereira de Castro, ainda não se deu a devida importancia no nosso País; ainda não se comprehendem o que ela representa na produção industrial da Nação. Essa importação virá em grande parte, aliviar o nosso consumo de combustível. O nosso País é pobre, e si conseguirmos fazer mais aço com menos combustível, não há a menor dúvida de que estaremos trabalhando no interesse da Nação.

Quanto ao que disse o Dr. Casemiro Toepfer, de que o momento não é mais apropriado para a importação de sucata, devido ao mercado mundial não estar em condições de fornecer, devido às suas proprias necessidades, eu gostaria de responder que não se trata sómente de saber si no momento é ou não possível. Trata-se de fazer uma política: si o Brasil deve ser um país comprador de sucata ou não. Estabelecida essa política, teremos oportunidades várias em que o país poderá ter armazenadas grandes quantidades de sucata e poderá, normalmente, uma vez estabelecido esse commercio, obter sucata mesmo em épocas mais difíceis. O exemplo do Japão está na memória de todos. O Japão praticamente vive à custa da sucata, fez a sua indústria, o seu potencial de guerra, praticamente à custa da sucata.

Hoje, os Estados Unidos, como país maior produtor do mundo, da ordem de mais de 20 milhões de toneladas anuais, comprou sucata do Japão, está comprando e comprando em quantidades grandes.

O problema de suprimento de sucata se atenuará se pudermos incrementar a produção baseada em gusa, escolhendo os processos em que o combustível seja necessário em menor quantidade, de acôrdo com as nossas reservas; a eletro-siderurgia poderia nos ajudar muito, poderíamos produzir sucata

com combustível, tentando o ferro esponja. Entretanto, essas soluções todas são onerosas, caras e demoradas.

Não temos energia elétrica sobrando à disposição das indústrias. A fome de energia elétrica é conhecida, seja em São Paulo, Rio de Janeiro ou Minas Gerais.

Urge, no nosso ponto de vista, que se estabeleça o princípio de que a sucata deve ser importada, seja qual fôr a quantidade que puder chegar ao nosso País. Mesmo que ainda seja ligeiramente mais cara do que a existente no mercado, ela é de interesse da Nação, ela nos economizará uma grande quantidade de combustível, e possibilitará um grande aumento de produção. Sabemos perfeitamente que os países grandes produtores de aço, normalmente não fazem essa produção baseados somente no gusa. O exemplo maior é dos Estados Unidos em que a sucata entra na ordem de 25%, sucata adquirida no mercado.

No nosso caso, as sucatas de usinas, como disse o Dr. Alberto Pereira de Castro, não podem ser comparadas às americanas, que são da ordem de 25% da produção.

Quando falo em nossas usinas, digo as usinas de perfis leves. Existe uma indústria no Brasil, que raramente se encontra em outros países; essa indústria é conhecida praticamente por todos os engenheiros de São Paulo: é a indústria de relaminação. Os refugos e os produtos de segunda qualidade são relaminados para perfis menores. Essas relaminações, que não têm aliás rendimento satisfatório, permitem uma recuperação da ordem de 10 a 12% sobre a produção industrial. Essa produção é necessária ao mercado, e da mesma maneira a indústria de relaminação. Hoje, temos firmas idôneas, de respeito, que partiram da indústria de relaminação. Dessa maneira, a porcentagem de «home scrap» em São Paulo é mínima.

O nosso recurso seria ou aumentarmos a produção de guza ou então importarmos a sucata.

Das conveniências da importação de sucata creio que eu já disse o bastante, pois que mesmo que no momento não tenhamos sucata oferecida no mercado internacional, poderá dentro de breve tempo essa sucata existir e se nós adotarmos uma política de compradores teremos sempre maiores oportunidades e poderemos obter vantagens não só no preço, como no tipo da sucata, porquanto o Dr. Alberto Pereira de Castro não abordou o problema da qualidade da nossa sucata. Todos nós que a usamos conhecemos bem, é a pior possível. É uma sucata que seria rejeitada em qualquer forno elétrico do mundo. Será usada ou somente aceita em fornos Siemens-Martin onde a porcentagem de guza é muito maior, cobrindo os defeitos de sucata.

Dessa forma, a sua importação tem um aspecto técnico importante, porquanto no estrangeiro a sucata é classificada em tipos determinados, podendo o país importar a qualidade que lhe seja mais conveniente. Dessa forma, além do aspecto puramente econômico, a fim de nivelar os apertos internos do país, temos o aspecto técnico. Por tudo isso, creio que a indústria siderúrgica brasileira e de São Paulo particularmente, devem pedir ao Governo Federal para permitir a importação de sucata e respectiva isenção de direito; nisso creio ter o apóio de todos os presentes, pois que esta política não atende somente a São Paulo, mas a todo país. Indústrias no norte, no sul, ou no centro, poderão se utilizar da sucata do estrangeiro.

Dessa forma eu queria, se o Sr. Presidente e o Dr. Alberto Pereira de Castro estiverem de acordo, que se ressaltasse, nos presentes debates este ponto de vista e se lembrasse o pedido que a indústria de São Paulo fez ao Governo Federal, a fim de que constasse nos anais do «Centro Morais Rego» que a indústria de São Paulo continua com fome de sucata e acha que a política de importação, proposta no projeto de lei sobre o assunto, na Câmara Federal, deve ser firmada como política permanente do país.

## O DR. JOÃO CARLOS NOUGUÊS:\*

Sr. Presidente, eu desejava prestar alguns esclarecimentos. Em verdade o problema da sucata vem se agravando de algum tempo a esta parte. Já em 1946, atendendo a uma representação que lhe foi dirigida pelas Indústrias Metalúrgicas de São Paulo, o Presidente Dutra isentou de direitos a sucata que entrasse no país entre 30 de agosto a 31 de dezembro desse ano. Lapso de tempo excessivamente curto para permitir uma razoável importação, pois a compra de sucata no estrangeiro demanda um certo tempo não só para entabular e acertar os detalhes do negócio, como também pela dificuldade na obtenção de praça para o embarque, em virtude do seu baixo frete e sua mercadoria de carga e descarga muito demorada.

Nesse período a Usina Siderúrgica São José S/A., adquiriu ocasionalmente 800 toneladas de sucata, constituída de eixos usados de vagão, que se achavam no porto de Santos, e entraram com isenção de direitos, mas acredito que, em geral, o aproveitamento dessa isenção foi praticamente nulo.

Não se compreende porque na Argentina, desde 1914, é proibida por lei a saída das reservas metálicas, enquanto que no Brasil sempre foi proibida a entrada.

Não se entende porque o nosso Governo insiste em não permitir a importação de sucata que, apesar do seu elevado preço neste momento, viria resolver em parte o nosso problema, de vez que um setor de nossa Indústria poderia pagá-lo sem afetar a sua economia, passando a sucata nacional, de qualidade inferior, a ser utilizada pelas Indústrias que se dedicam aos laminados para construção, cujos preços são inferiores e não comportam pagar sucata de preço elevado.

---

Engenheiro civil, gerente da Metalúrgica São Francisco S/A e Usina Siderúrgica São José S/A.

Penso que deveríamos insistir junto ao Governo Federal, solicitando a isenção de direitos, para a importação de sucata, ao mesmo tempo, tranquilizando os nossos companheiros de Minas Gerais que se opõem à essa idéia, fazendo-os compreender que a maior disponibilidade de sucata no mercado em nada afetaria o consumo de guza, de vez que já temos grande número de fornos elétricos em funcionamento, os quais somente podem consumir guza em combinação com sucata, porquanto a sua importação facultaria um maior consumo de guza, proporcionando um rápido e grande aumento de produção de aço do país.

O trabalho junto ao Governo, em apoio da isenção de direitos para a sucata, seria o melhor que poderíamos fazer em benefício da Indústria Metalúrgica do nosso país.

O DR. JAYME ANDRADE PECONICK: — Sr. Presidente, realmente parece-me que o problema tem muita cor local sob certos aspectos e oferece ângulos que devem ser considerados do ponto de vista nacional.

Ouví com atenção e real prazer a palestra do Dr. Alberto Pereira de Castro e os debates que se sucederam nesta Casa. Guardei com especial atenção as palavras do Dr. Roberto Jafet, quando admitiu como solução viável para o problema, ou o aumento da produção de guza ou a importação de sucata.

Esta dependência em que ficaria um imenso parque industrial como o de São Paulo, da importação, quer parecer nos que oferecerá sério perigo, quando se observa em todo o mundo a mesma fome por sucata e quando já foram aqui aventadas sugestões lembrando que os países industriais mesmo eles, os países de maior expressão industrial, estão importando sucata.

Parece-me, Sr. Presidente, desde que já houve um pedido, para que constasse dos anais, relativamente à importação de sucata, devemos oferecer uma proposta:

— tendo em vista que a situação referente ao gusa tende a perdurar, desde que a longo prazo a solução nacional será o aumento da produção;

— Considerando que este aumento já vem encontrando ressonância em Minas, maior produtor de gusa do Brasil;

— Proponho que se observem as tendências já existentes, no sentido de admitir, ou tornar viável mesmo, um grande empreendimento visando a sinterização dos minérios finos de Itabira. Com este empreendimento no Vale do Rio Doce, acredita-se que seja possível dobrar a atual produção de gusa no Brasil. É verdade que não será em pouco tempo que se conseguirá tal situação, mas, se no futuro a indústria de Minas dispuser de grande quantidade de gusa, a importação de sucata poderá constituir um sério problema. É preciso considerar que a indústria do Estado Central lutará sempre com o grave problema do transporte.

O DR. MARIO DA SILVA PINTO: — Em relação à importação de sucata os aspectos favoráveis devem ser sempre comparados e pesados em relação aos aspectos desfavoráveis.

Deve-se sempre, a esse propósito, embora não seja relativo à sucata de ferro, lembrar que com a importação de sucata de alumínio cresceriam as dificuldades do estabelecimento de uma indústria primária no país.

A meu vêr há uma dificuldade muito grande na concretização disso: é o orçamento de divisas do país. O Brasil vive uma angústia muito grande, a tal ponto que se previa uma crise grave de combustível líquido.

Uma importação de sucata, significando uma evasão de divisas vai cada vez agravando mais o orçamento do país. A indústria deverá provar que essa importação de sucata representa uma economia, provar para que a medida possa ser acolhida com a simpatia que merece, e que foi justificada tão amplamente por resultados técnicos abordados pelo Dr. Alberto Pereira de Castro.

O ENG. OTHON LEONARDOS: — Eu tenho a impressão de que de todas estas discussões resultarão algumas vantagens, mas infelizmente não estão presentes representantes e produtores de guza de Minas, embora tenhamos aqui o representante da Federação das Indústrias. A falta de guza no mercado de São Paulo resulta exclusivamente da incapacidade do transporte.

Quanto à observação do Engenheiro Mario da Silva Pinto tenho a impressão de que depende apenas de uma exposição pormenorizada das indústrias de São Paulo, que a meu vêr não há dúvida de que essa importação projetada, de ferro velho, vai aumentar a nossa riqueza e diminuir a importação dos produtos.

O DR. ROBERTO JAFET: — O Dr. Othon Leonardos tem razão quando diz que a indústria de Minas não deverá de forma alguma temer que a importação de sucata venha concorrer de maneira desastrosa, com o guza dos altos fornos mineiros.

Isto é certo: mais de 90% (noventa por cento) do guza que os altos fornos mineiros vendem para São Paulo, todos nós sabemos, é de tipo para fundição. O Dr. Alberto Pereira de Castro deixou bem claro dizendo que a sucata não é concorrente do ferro guza. O que os altos fornos mineiros estão mandando para São Paulo, é guza silicioso, e, como é do conhecimento da Casa, os refratários dos nossos fornos, sem exceção, para aço, são básicos.

Há pouco, o ilustre representante de Minas referiu-se a um projeto de sinterização porém não esclareceu devidamente como essa organização vai contribuir para o aumento de produção de guza se vai ser localizada no interior ou no porto de Vitória e se vai utilizar carvão vegetal.

Eu gostaria se o sr. Representante de Minas Gerais pudesse esclarecer estes pontos.

— Não posso adiantar nada por enquanto, quero crer que a localização será em Itabira, próximo ao Cauê.

O DR. JAYME DE ANDRADE PECONICK — Não posso adiantar nada por enquanto, quero crer que a localização será em Itabira, próximo ao Cauê.

Poderei enviar de Minas maiores informações. Coloco-me à disposição dos interessados, para procurar aqueles que estão fomentando essa idéia e obter maiores detalhes.

Quero apresentar a esta casa as minhas excusas por não possuir maiores informes a respeito do assunto, trago apenas boa vontade de colaborar neste empreendimento de tão grande porte. Sei que na parte técnica faltam-me maiores esclarecimentos, mas estou recebendo informações que me serão muito proveitosas.

O DR. ROBERTO JAFET: — Sr. Presidente, queria responder a uma pergunta do ilustre Engenheiro Mario da Silva Pinto, dizendo que a esta indústria competia provar que a importação de sucata viria beneficiar, comercialmente em favor das divisas ou não.

O ENG. MARIO DA SILVA PINTO — Não era uma pergunta, é uma dúvida.

O DR. ROBERTO JAFET: — Em resposta eu lhe dou um artigo, que é o arame farpado. O Brasil importa quase 50 mil toneladas de arame farpado. É um produto dentro das possibilidades de indústrias paulistas; estamos fabricando todos os arames, poderemos fabricar o farpado, isentando a Nação de um ônus pesadíssimo e esse produto sozinho, com suas 40 mil a 50 mil toneladas anuais justificaria pelo seu valor, uma importação da ordem de 150 a 200 mil toneladas de sucata.

Em São Paulo há várias laminações em regime de 6 horas de trabalho, por falta de aço, por falta de billets, dessa forma existe maquinário em São Paulo que poderia produzir mais do que hoje está produzindo e no mínimo consumir 100 mil a 150 mil toneladas de sucata importada; e em contra-posição, o país deixaria de importar produtos manufaturados,



que poderiam ser facilmente produzidos em Minas ou em São Paulo.

O DR. ALBERTO PEREIRA DE CASTRO: — Parece que como resumo e para firmar melhor os vários pontos de vista, a nossa indústria poderia ser dividida numa indústria constituída de usinas integradas, de um lado as que produzem o guza para o seu próprio refino, em fornos próprios. Nessas usinas, a tendência maior é para evitar qualquer consumo de sucata comprada ou por causa da distância como é de Minas, ou por causa do volume, como no caso de Volta Redonda. Ao lado dessas há uma indústria que vegeta em São Paulo e depois no Rio de Janeiro, que pode ser legitimamente chamada, de indústria de aço da sucata. Dessa maneira, a produção de gusa de Minas fica dividida: grande parte para os fornos das usinas integradas e depois uma pequena parte com as chamados «merchant furnaces» que só abastecem o mercado de guza para fundições.

Posta dessa maneira a dita concorrência entre o guza e a sucata, desaparece. Qualquer aumento de produção baseado no guza será ligado à criação de novas usinas integradas que partem do minério e chegam até o laminado; o suprimento das usinas baseadas em sucata, de São Paulo, depende da sucata propriamente dita, não sendo viável um abastecimento permanente com o guza de Minas.

O DR. MARIO DA SILVA PINHO: — Eu penso que se a indústria demonstrar ao Congresso que cada dolar invertido na compra de sucata vai ocasionar uma economia de divisas, a tese será vencedora muito mais facilmente. Foi esse o motivo do meu aparte, não de dúvida, que isso aconteça, mas porque essa proposição carece de uma demonstração matemática tal como nós engenheiros costumamos fazer.

O ENG. JOÃO CARLOS NOUGUÊS: — Eu gostaria de conhecer a opinião de Volta Redonda sobre a importação de sucata.

O CEL. OSWALDO PINTO DA VEIGA: — Eu acredito que Volta Redonda nada tem a se opôr à importação de sucata uma vez que seja patenteada a sua necessidade para a indústria brasileira.

Nós acreditamos que não pesaremos grandemente no consumo de sucata nacional, senão dentro de uma proporção minima, porque a tendência de Volta Redonda é a de se abastecer com a produção da sua usina, isso em rotina normal de trabalho. Se algum imprevisto suceder nós também teremos que importar sucata e teremos o prazer de vêr que encontraremos o produto à nossa disposição, quando necessário.

Já tivemos ocasião de importar sucata, embora em escala reduzida, 8 mil toneladas mais ou menos. Acredito que não haja absolutamente motivo para que Volta Redonda se oponha à importação de sucata, mormente demonstrado como está que isso vem em benefício do país e do parque industrial de São Paulo, que é o maior consumidor de sucata.

O ENG.º JOÃO CARLOS NOUGUÊS: — Depois de ouvirmos a exposição do representante da Cia. Siderúrgica Nacional, que já importou sucata com isenção de direitos, eu desejo insistir na idéia de que a solução do problema da sucata está na importação, pois já verificamos que tanto o desmonte de navios no porto de Santos como a coleta e transporte da sucata do norte do país são soluções demoradas e que apresentam grandes dificuldades na sua realização.

Releva notar que a isenção de direitos na importação de sucata não trará redução de receita alfandegária ao país, pois, até hoje, todas as importações foram realizadas com isenção.

Por outro lado, sob o aspecto de economia de divisas, não há dúvida que é mais interessante importar matéria prima cujo valor é, neste caso, oito vezes menor do que o respectivo produto manufaturado.

É preciso ter em conta que, na eventualidade de uma nova guerra, não conseguiremos adquirir o produto manufaturado no estrangeiro, o que poderá nos trazer uma solução

de continuidade no nosso progresso, um colapso no nosso desenvolvimento econômico.

Nestas condições, eu desejaria que se fizesse o máximo de esforço no sentido de se importar sucata, pois, caso contrário, teríamos necessidade de importar o produto manufaturado em quantidade ainda maior do que já estamos importando, e por ser também a única solução para obtermos um imediato e ponderável aumento da produção de aço no país.

O DR. EDUARDO LOZANO: \* — Os esforços que foram feitos para conseguir a isenção de direitos na importação, encontraram oposição da parte da indústria de Minas. Não cabe a nós tomar quaisquer decisões. O Dr. Alberto Pereira de Castro fez sugestões pedindo a isenção de direitos para 51 mil toneladas anuais. A avaliação do Dr. Alberto Pereira de Castro é mais ou menos 25% do consumo da nossa sucata.

A idéia do Dr. Roberto Jafet é razoável porque ele está dizendo que devemos nos colocar na posição de compradores e não há dúvida que conforme os elementos apresentados, a nossa indústria está exigindo importação.

O ENG.º AMARO LANARI JR.: — Antes de encerrarmos, desejaria fazer um apanhado do problema, um resumo do que ficou dito. Parece que o ponto de vista da indústria de Minas se baseia, talvez, no fato de que em Minas só existem fornos Siemens-Martin, de modo que o problema da sucata em Minas não é um problema que fala de perto aos metalurgistas mineiros. As usinas, praticamente, não usam sucata de modo que até certo ponto, não entendem a necessidade absoluta que tem as indústrias de São Paulo, baseadas em fornos elétricos, do uso forçado de uma certa porcentagem de sucata.

Parece que o ponto de vista geral, portanto, é que há necessidade de importação imediata de sucata. Apenas o representante de Minas Gerais observou sobre o caráter provi-

---

\* Engenheiro da Usina Sta. Olimpia.

sório, momentâneo, mas parece que não existe nenhuma divergência quanto à necessidade da importação da sucata.

A finalidade desses debates não é chegarmos a conclusão e recomendações. O «Centro Morais Rego» tem em vista provocar discussões, opiniões divergentes, esclarecimentos no sentido de favorecer, a formação de uma opinião coletiva, de modo que, com a publicação que faz, dos debates travados, podem todos compreender melhor os pontos de vista diferentes.

Nesse sentido eu creio que os debates de hoje foram altamente proveitosos para nós e procuramos compreender os vários pontos de vista, que no fundo não divergem.

Antes de encerrarmos e passar a presidência ao sr. Presidente do «Centro Morais Rego», desejo agradecer em nome do Centro, a colaboração dos presentes e dos aparteantes, representantes de Volta Redonda, das indústrias, da Mineração Geral do Brasil, da Cia. Siderúrgica Nacional, enfim, de todos os que colaboraram esclarecendo esse assunto que o Dr. Alberto Pereira de Castro expoz com tanto brilho. Passo a direção dos trabalhos ao Presidente do «Centro Morais Rego». Muito obrigado.

O SR. JOSÉ DE SOUSA ALMEIDA: — Em nome do «Centro Morais Rego» cumprimento o Professor Dr. Alberto Pereira de Castro, pela autorizada exposição que fez, ao Sr. Presidente, pela colaboração prestada e a todos que aqui vieram para conosco colaborar.

Declaro então encerrada a sessão. (Palmas).